

LEVANTAMENTO DA AVIFAUNA EM UM FRAGMENTO FLORESTAL LOCALIZADO NO CENTRO URBANO DO MUNICÍPIO DE XANXERÊ, SC

Clóvis Odair Weimer*
Elis Regina Rodighero**
Tiago Lazzaretti***
Geisa Pércio do Prado****

Resumo

A avifauna serve como importante grupo indicador de qualidade ambiental, pois sofre significativas mudanças à medida que o ambiente onde frequenta é alterado. Este trabalho objetivou conhecer a riqueza e a composição de espécies de aves de um fragmento florestal localizado no centro urbano do município de Xanxerê, oeste de Santa Catarina. Para tal, foram realizadas transecções lineares e a confirmação das espécies ocorreu por meio de contatos visuais e auditivos, com saídas de campo nos primeiros horários da manhã e no período vespertino, sendo realizadas 24 campanhas, totalizando 84 horas de observação (12 horas vespertina e 72 horas matutina). O estudo foi realizado entre os meses de março de 2011 a março de 2012, abrangendo um período sazonal completo. Foram registradas 87 espécies de aves distribuídas em 34 famílias e 14 ordens Passeriformes e Não Passeriformes. A ordem mais representativa foi a Passeriforme com 62,1%, seguida pelas ordens Falconiforme e Piciforme, ambas com 6,9% das espécies. Entre as guildas tróficas, as mais representativas, foram a Insetívora (35,6%) e a Onívora (31%). Neste estudo, as espécies registradas não encontram-se ameaçadas conforme o Livro Vermelho da Fauna Ameaçada (BRASIL, 2003) e União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (2010). O fragmento florestal objeto deste estudo conserva uma boa diversidade da avifauna; considerando a situação em que se encontra, é possível afirmar que o mesmo exerce um importante papel para a conservação das espécies de aves do município, sendo necessária a manutenção e a melhoria das condições desse fragmento florestal.

Palavras-chave: Avifauna. Fragmento urbano. Qualidade ambiental.

1 INTRODUÇÃO

O Estado de Santa Catarina que, originalmente, era coberto por 85% de Mata Atlântica, foi aos poucos sendo explorado, restando atualmente cerca de 17,46% da área original, classificando-se como o terceiro estado do país com as maiores áreas remanescentes, totalizando aproximadamente 1.662.000 ha. (MEDEIROS, 2002 apud DORIGON; LAZZARETTI, 2010).

Com a degradação, a avifauna que depende dos ambientes densamente florestados para sobreviver tem suas populações reduzidas, e algumas espécies não são mais vistas (ROSÁRIO, 1996). Habitats fragmentados afetam negativamente a sobrevivência de populações e a diversidade biológica (FAVRETTO; GUZZI, 2008), o que eleva a importância de preservação desses ambientes.

A comunidade de aves é utilizada como boa ferramenta de trabalho para avaliação dos ambientes, pois a maioria das espécies possui hábitos diurnos, e em geral apresentam grande fidelidade aos ambientes que frequentam (ARGEL DE OLIVEIRA, 1993; FAVRETTO; GUZZI; ZAGO, 2008).

* Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; clovisweimer@hotmail.com

** Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; elis_rodighero@hotmail.com

*** Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; tiago.lazaretti@hotmail.com

**** Bióloga; Mestre em Ciências Ambientais; Especialista em Diagnóstico Ambiental e Recuperação de Áreas Degradadas; biologageisa@gmail.com

A avifauna do Oeste catarinense, bem como em outras regiões do Estado, vem recebendo um acréscimo importante no número de informações, proporcionando assim, um melhor entendimento da comunidade de aves que habitam o Estado de Santa Catarina (FAVRETO et al., 2009).

Dessa forma, estudos que resultam trabalhos científicos sobre a riqueza da comunidade de aves servem de base para elaborar propostas de manejo e conservação, além de contribuir para o conhecimento da riqueza, abundância, habitats e guildas preferenciais destas, servindo de parâmetro para futuras pesquisas. O presente estudo objetivou conhecer a avifauna presente no local, avaliando a qualidade deste, bem como contribuir com o conhecimento da avifauna da região Oeste de Santa Catarina.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As aves possuem grande importância ambiental, pois sua presença em determinados ambientes serve como bioindicador de qualidade ambiental, possibilitando avaliar se o ecossistema onde se encontram é saudável (ANDRADE, 1993).

Atualmente são conhecidas 10.488 espécies de aves no mundo (GILL; DONSKER, 2013). Na América do Sul, conforme dados de Menezes, Albuquerque e Cavalcanti (2004), são registradas cerca de 2.950 espécies, sendo considerada a região mais rica do mundo em relação à comunidade de aves. Destas, 62,10% ocorrem no Brasil, que conta com 1.832 espécies de aves (COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS, 2011). Entre os biomas, a Mata Atlântica se destaca em relação ao número de espécies, pois abriga a maioria das espécies endêmicas do Brasil (Tabela 1).

Tabela 1 – Número de espécies, espécies endêmicas e táxons (espécies e subespécies) ameaçados de aves no Brasil por bioma

Bioma	Espécies	Espécies endêmicas	Total	Táxons ameaçados	
				Endêmicos do bioma	Endêmicos do Brasil
Amazônia	1.300	263	20	6	10
Mata Atlântica	1.020	188	112	54	90
Cerrado	837	36	48	14	14
Caatinga	510	15	45	7	15
Campos Sulinos	476	2	20	3	0
Pantanal	463	0	13	0	1
Costeiro e Marinho	> 130	0	213	0	0
Total do Brasil	1.696 -1.731	504	193	84	119

Fonte: Garcia e Marini (2005).

Para o Estado de Santa Catarina, estudos bibliográficos baseados em trabalhos recentemente publicados indicam a presença de 618 espécies (79 famílias e 25 ordens) (LAZZARETTI, 2010). O autor, a partir de dados bibliográficos regionais, registrou a presença de 352 espécies para o Oeste do Estado de Santa Catarina, que representa 56,95% das espécies desse Estado.

As espécies da avifauna são consideradas, entre os animais, os mais eficazes indicadores da qualidade ambiental, pois demonstram capacidade de detectar poluentes que deixam resíduos e afetam o meio ambiente, bem como alterações nos ecossistemas (ALMEIDA, 2002 apud OLIVEIRA; FREIRE; AQUINO, 2004).

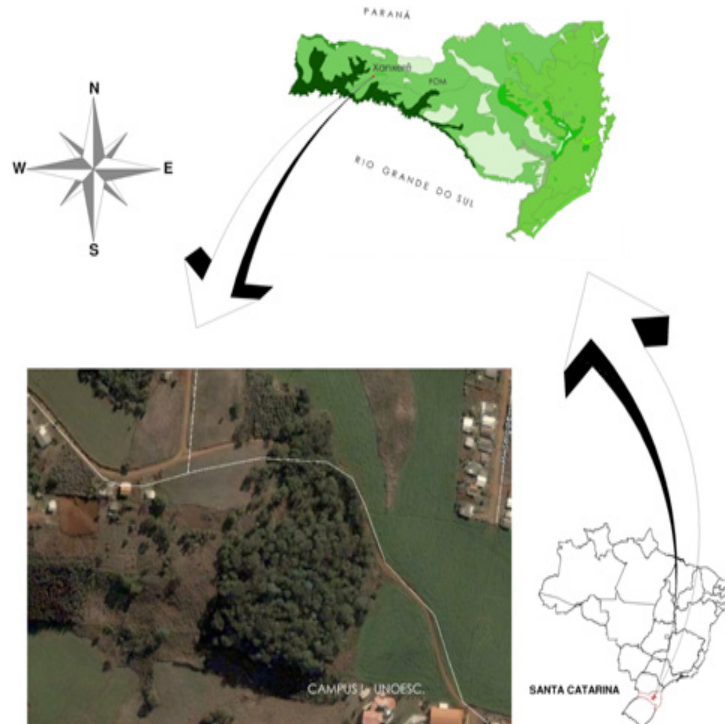
Segundo Sick (2001), não é possível preservar a avifauna oferecendo-lhes apenas sobras de habitats. O autor ainda destaca que manter as aves voláteis em pequenas áreas ou fragmentos de matas, campos primitivos e espaços entre terrenos cultivados, impedem-nas de manter o ciclo biológico durante o ano todo.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado em um pequeno fragmento florestal localizado próximo à sede da Unoesc no município de Xanxerê, SC ($26^{\circ}52'34''\text{S}$; $52^{\circ}25'24''\text{W}$), como mostra a Imagem 1; é um fragmento com 2,9 hectares de Floresta Ombrófila Mista e situa-se a uma altitude de 801 metros. O clima do município classificado por Köppen é do tipo “Cfa” – Clima subtropical, com verão quente, ocorrendo geadas no inverno; com precipitação anual de 2100 a 2300 mm, com temperaturas entre 18 e 30 graus (SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2003).

Imagem 1 – Localização da área de estudo no município de Xanxerê



Fonte: os autores.

Esse fragmento está inserido nos domínios do Bioma Mata Atlântica, pertencente ao ecossistema denominado Floresta Ombrófila Mista, também conhecida como Floresta de Araucárias, que caracteriza-se pelo domínio de Araucária (*Araucaria angustifolia*).

3.2 COLETA DE DADOS

De acordo com Lopez (1989 apud TOLEDO, 1993), antes de um estudo é necessário escolher o melhor método para a realização de um levantamento da avifauna presente em uma determinada área, considerando as informações que se deseja obter com resultados mais precisos em um tempo mínimo, cobrindo toda a área amostral. Dessa forma, o método escolhido para o desenvolvimento do presente trabalho foi o levantamento qualitativo recomendado por Vielliard e Silva (1990), que tem por finalidade conhecer a riqueza da comunidade de aves na área de estudo, caracterizando o local com base em sua biodiversidade (DEVELEY, 2006).

O presente estudo desenvolveu-se por um período de 12 meses, iniciando as atividades de observação no mês de março de 2011 e concluído no mês de março de 2012, abrangendo as quatro estações do ano (primavera, verão, outono e inverno). As visitas foram quinzenais, sendo destinadas quatro horas de observação em cada visita de campo. As observações ocorreram em horários em que as aves apresentam atividades mais intensas, entre as 7 e 11h. Também

foram realizadas visitas ao local ao entardecer com duração de duas horas de amostragem, objetivando visualizar aves com hábitos crepusculares e noturnos. No total, foram realizadas 24 campanhas, sendo 12 horas/observação no entardecer e 72 horas/observação realizadas no amanhecer.

O estudo foi realizado por meio de caminhamentos por trilhas existentes no interior do fragmento uma vez que, dessa forma, abrange um número maior de ambientes. O registro das espécies foi confirmado por contatos visuais e auditivos, com auxílio de binóculos (8 x 40 mm, 7 x 35 mm e 10 x 30 x 50 mm) para os contatos visuais e de um gravador de voz Powerpack Dvr-1089 para realização de *playback* dos contatos auditivos. Para assegurar a correta identificação das espécies visuais, foi utilizado o guia de campo Sigrist (2009a).

A classificação científica das espécies da avifauna amostrada no *Campus* I da Unoesc de Xanxerê fundamentou-se na obra elaborada pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011). A classificação do *status* de ameaça das espécies considerou a Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (BRASIL, 2003) e a lista vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza (UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS, 2010). As guildas tróficas preferenciais foram definidas por Motta-Júnior (1990) e Volpato et al. (2009).

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A curva do coletor possibilita analisar o número de espécies de um determinado estudo em relação ao número de dias ou horas de observação, permitindo assim, avaliar a abrangência do estudo em relação à comunidade de aves (FAVRETTO; GUZZI, 2008). Assim, a partir do conhecimento do tamanho amostral, essa análise oferece dados que permitem avaliar se a pesquisa atingiu toda a comunidade de aves de um determinado local (DINIZ FILHO, 2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos do fragmento florestal localizado no perímetro urbano de Xanxerê revelaram a ocorrência de 87 espécies de aves, que se distribuem em 34 famílias e 14 ordens (Quadro 1). Dessas espécies, 62,1% (54) pertencem à ordem Passeriforme e 37,9% (33) compõem as ordens Não Passeriformes.

Quadro 1 – Lista de espécies da avifauna registrada no Fragmento Urbano de Xanxerê

Espécie	Nome vulgar	Habitat	Guildas	Contato
Galliformes				
Cracidae				
<i>Penelope obscura</i> (TEMMINCK, 1815)	Jacuaçu	M	FRU	V
Ciconniformes				
Threskiornithidae				
<i>Theristicus caudatus</i> (BODDAERT, 1783)	Curicaca	C	ONI	V
Cathartiformes				
Cathartidae				
<i>Coragyps atratus</i> (BECHSTEIN, 1793)	Urubu-de-cabeça-preta	MC	DET	V
<i>Cathartes aura</i> (LINNAEUS, 1758)	Urubu-de-cabeça-vermelha	CM	DET	V
Falconiformes				
Accipitridae				
<i>Elanoides forficatus</i> (LINNAEUS, 1758)	Gavião-tesoura	CM	INS	V
<i>Ictinia plumbea</i> (GMELIN, 1788)	Sovi	CM	INS	V
<i>Rupornis magnirostris</i> (GMELIN, 1788)	Gavião-carijó	CM	CAR	AV

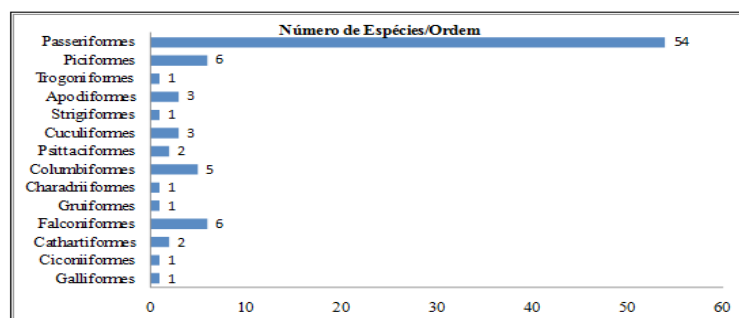
Falconidae				
<i>Caracara plancus</i> (MILLER, 1777)	Caracará	C	CAR	V
<i>Falco sparverius</i> (LINNAEUS, 1758)	Quiriquiri	C	CAR	V
<i>Milvago chimachima</i> (VIEILLOT, 1816)	Carrapateiro	C	CAR	V
Gruiformes				
Rallidae				
<i>Aramis saracura</i> (SPIX, 1825)	Saracura-do-mato	M	ONI	V
Charadriiformes				
Charadriidae				
<i>Vanellus chilensis</i> (MOLINA, 1782)	Quero-quero	C	INS	V
Columbiformes				
Columbidae				
<i>Columbina picui</i> (TEMMINCK, 1813)	Rolinha comum	C	GRA	V
<i>Patagioenas picazuro</i> (TEMMINCK, 1813)	Pombão	C	GRA	V
<i>Zenaida auriculata</i> (DES MURS, 1847)	Pomba-de-bando	C	GRA	V
<i>Leptotila verreauxi</i> (BONAPARTE, 1855)	Juriti-pupu	M	FRU	A
<i>Columbina talpacoti</i> (TEMMINCK, 1811)	Rolinha-roxa	C	GRA	V
Psittaciformes				
Psittacidae				
<i>Pionus maximiliani</i> (KUHLE, 1820)	Maitaca-verde	M	FRU	V
<i>Pionopsitta pileata</i> (SCOPOLI, 1769)	Cuiú-cuiú	M	FRU	V
Cuculiformes				
Cuculidae				
<i>Piaya cayana</i> (LINNAEUS, 1766)	Alma-de-gato	M	INS	V
<i>Crotophaga ani</i> (LINNAEUS, 1758)	Anu-preto	C	INS	V
<i>Guira guira</i> (GMELIN, 1788)	Anu-branco	C	INS	V
Strigiformes				
Strigidae				
<i>Athene cunicularia</i> (MOLINA, 1782)	Coruja-buraqueira	C	CAR	V
Apodiformes				
Trochilidae				
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (SHAW, 1812)	Besourinho-de-bico-vermelho	MC	NEC	V
<i>Phaethornis eurynome</i> (LESSON, 1832)	Rabo-branco-de-garganta-rajada	M	NEC	V
<i>Leucochloris albicollis</i> (VIEILLOT, 1818)	Beija-flor-de-papo-branco	MC	NEC	AV
Trogoniformes				
Trogonidae				
<i>Trogon surrucura</i> (VIEILLOT, 1817)	Surucuá-variado	M	ONI	V
Piciformes				
Ramphastidae				
<i>Ramphastos dicolorus</i> (LINNAEUS, 1766)	Tucano-de-bico-verde	MC	FRU	AV
Picidae				
<i>Veniliornis spilogaster</i> (WAGLER, 1827)	Picapauzinho-verde-carijó	M	INS	AV
<i>Colaptes campestris</i> (LINNAEUS, 1766)	Pica-pau-de-banda-branca	C	INS	V

<i>Melanerpes candidus</i> (OTTO, 1796)	Birro, pica-pau-branco	C	INS	V
<i>Colaptes melanochloros</i> (GMELIN, 1788)	Pica-pau-verde-barrado	C	INS	AV
Passeriformes				
Thamnophilidae				
<i>Thamnophilus ruficapillus</i> (VIEILLOT, 1816)	Choca-de-chapéu-vermelho	MC	INS	AV
<i>Thamnophilus caeruleus</i> (VIEILLOT, 1816)	Choca-da-mata	M	INS	AV
Grallariidae				
<i>Hylopezus nattereri</i> (PINTO, 1937)	Pinto-do-mato	M	INS	AV
Dendrocolaptidae				
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (VIEILLOT, 1818)	Arapaçu-rajado	M	INS	AV
Furnariidae				
<i>Furnarius rufus</i> (GMELIN, 1788)	João-de-barro	C	INS	V
<i>Synallaxis spixi</i> (SCLATER, 1856)	João-teneném	CM	INS	AV
<i>Synallaxis ruficapilla</i> (VIEILLOT, 1819)	Pichororé	M	INS	AV
Tityridae				
<i>Schiffornis virescens</i> (LAFRESNAYE, 1838)	Flautim	M	ONI	A
<i>Tityra cayana</i> (LINNAEUS, 1766)	Anambé-branco-de-rabo-preto	MC	FRU	V
Tyraniidae				
<i>Tyrannus savana</i> (VIEILLOT, 1808)	Tesourinha	C	INS	V
<i>Megarynchus pitanguá</i> (LINNAEUS, 1766)	Neinei	M	ONI	AV
<i>Camptostoma obsoletum</i> (TEMMINCK, 1824)	Risadinha	CM	INS	A
<i>Tyrannus melancholicus</i> (VIEILLOT, 1819)	Suiriri	C	ONI	V
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i> (LAFRESNAYE, 1846)	Tororó	M	INS	A
<i>Myiodynastes maculatus</i> (STATIUS MULLER, 1776)	Bem-te-vi-rajado	MC	INS	V
<i>Empidonomus varius</i> (VIEILLOT, 1818)	Peitica	M	INS	V
<i>Pitangus sulphuratus</i> (LINNAEUS, 1766)	Bem-te-vi	MC	ONI	V
Vireonidae				
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (GMELIN, 1789)	Pitiguari	MC	INS	A
Corvidae				
<i>Cyanocorax chrysops</i> (VIEILLOT, 1818)	Gralha-piçaca	M	ONI	AV
Hirundinidae				
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (VIEILLOT, 1817)	Andorinha-pequena-de-casa	C	INS	V
<i>Progne tapera</i> (VIEILLOT, 1817)	Andorinha-do-campo	C	INS	V
Troglodytidae				
<i>Troglodytes musculus</i> (NAUMANN, 1823)	Corruíra	MC	INS	V
Turdidae				
<i>Turdus albicollis</i> (VIEILLOT, 1818)	Sabiá-coleira	M	ONI	A
<i>Turdus rufiventris</i> (VIEILLOT, 1818)	Sabiá-laranjeira	M	ONI	V
<i>Turdus leucomelas</i> (VIEILLOT, 1818)	Sabiá-barranco	MC	ONI	AV
<i>Turdus amaurochalinus</i> (CABANIS, 1850)	Sabiá-poca	M	ONI	AV
Mimidae				
<i>Mimus saturninus</i> (LICHTENSTEIN, 1823)	Sabiá-do-campo	C	ONI	V
Coerebidae				
<i>Coereba flaveola</i> (LINNAEUS, 1758)	Cambacica	MC	NEC	V

Thraupidae				
<i>Dacnis cayana</i> (LINNAEUS, 1766)	Sai-azul	CM	ONI	V
<i>Saltator maxilloso</i> (CABANIS, 1851)	Bico-grosso	M	ONI	V
<i>Tersina viridis</i> (ILLIGER, 1811)	Sai-andorinha	CM	ONI	V
<i>Saltator similis</i> (D'ORBIGNY; LAFRESNAYE, 1837)	Trinca-ferro-verdadeiro	M	ONI	AV
<i>Lanio cucullatus</i> (STATIUS MULLER, 1776)	Tico-tico-rei	MC	ONI	AV
<i>Hemithraupis guira</i> (LINNAEUS, 1766)	Saíra-de-papo-preto	M	ONI	V
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (STRICKLAND, 1844)	Cabecinha-castanha	M	ONI	V
<i>Tachyphonus coronatus</i> (VIEILLOT, 1822)	Tiê-preto	M	ONI	V
<i>Pipraeidea sayaca</i> (LINNAEUS, 1766)	Sanhaçu-cinzento	MC	ONI	V
<i>Lanio melanops</i> (VIEILLOT, 1818)	Tiê-de-topete	M	INS	V
Emberizidae				
<i>Ammodramus humeralis</i> (BOSC, 1792)	Tico-tico-do-campo	C	GRA	A
<i>Zonotrichia capensis</i> (STATIUS MULLER, 1776)	Tico-tico	C	GRA	V
<i>Sporophila caerulea</i> (VIEILLOT, 1823)	Coleirinho	C	GRA	V
<i>Sicalis flaveola</i> (LINNAEUS, 1766)	Canário-da-terra-verdadeiro	C	GRA	V
Parulidae				
<i>Parula pitiayumi</i> (VIEILLOT, 1817)	Mariquita	M	INS	A
<i>Basileuterus culicivorus</i> (DEPPE, 1830)	Pula-pula	M	INS	V
<i>Basileuterus leucoblepharus</i> (VIEILLOT, 1817)	Pula-pula-assobiador	M	INS	A
Icteridae				
<i>Cacicus chrysopterus</i> (VIGORS, 1825)	Tecelão	M	ONI	V
<i>Molothrus bonariensis</i> (GMELIN, 1789)	Vira-bosta	C	ONI	V
<i>Cacicus haemorrhous</i> (LINNAEUS, 1766)	Guaxe	M	ONI	V
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	Graúna	C	ONI	V
Fringillidae				
<i>Euphonia chlorotica</i> (LINNAEUS, 1766)	Fim-fim	M	FRU	A
<i>Sporagra magellanica</i> (VIEILLOT, 1805)	Pintassilgo	MC	GRA	V
<i>Chlorophonia cyanea</i> (THUNBERG, 1822)	Paturamo-bandeira	MC	GRA	A
<i>Euphonia violacea</i> (LINNAEUS, 1758)	Gaturamo-verdadeiro	MC	GRA	V
Passeridae				
<i>Passer domesticus</i> (LINNAEUS, 1758)	Pardal	C	ONI	V

A ordem Passeriforme, como era esperada, foi a mais representativa, com 54 espécies registradas, seguida pelas ordens Falconiformes (seis espécies), Piciformes (seis espécies) e Columbiformes (cinco espécies) (Gráfico 1).

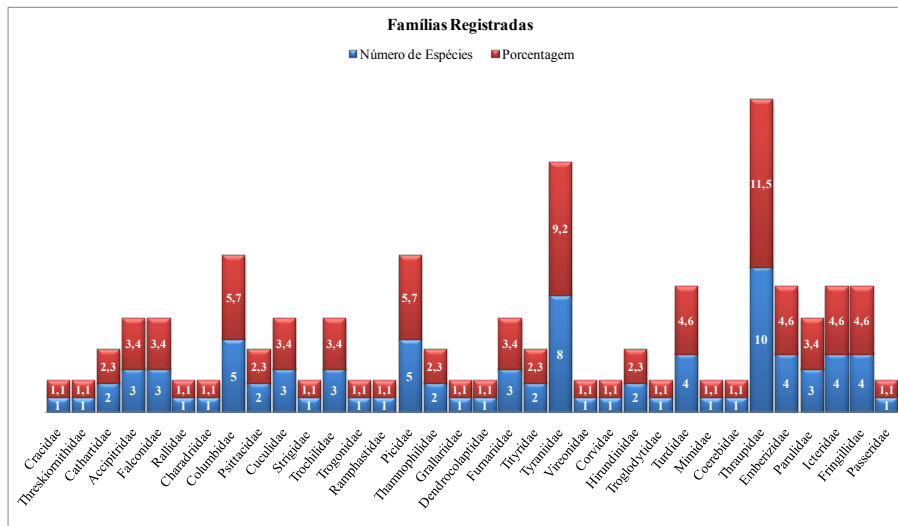
Gráfico 1 – Espécies de aves registradas de acordo com as Ordens



Fonte: os autores.

Foram registradas 34 famílias; destas, 19 (55,9%) pertencem à ordem Passeriforme. Entre as famílias, a Thraupidae foi a mais representativa entre as registradas, apresentando 10 espécies (11,5%), seguida pela família Tyrannidae, com oito espécies (9,2%). Os dados referentes às demais famílias registradas no levantamento podem ser visualizados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Espécies de aves registradas por família



Fonte: os autores.

A família Thraupidae apresenta um grande número de espécies de pássaros coloridos, limitadas ao continente americano, reunindo belos pássaros Oscines brasileiros. Algumas espécies são dimórficas, sobretudo nas plumagens; possuem hábito arborícola, e frequentam bordas florestais e áreas semiabertas, além de espécies restritas ao interior de florestas densas, chamadas de fotófobas. As espécies dessa família alimentam-se essencialmente de frutas, néctar e insetos, sendo frequentemente vistas em bandos mistos (SIGRIST, 2009b). A família Thraupidae apresenta 32 gêneros e 99 espécies no Brasil. (COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS, 2011).

A maioria dos registros da avifauna foi por meio de visualização, que representou 63,4% dos contatos (56 espécies); além disso, o contato auditivo e visual, que se caracteriza pela visualização das espécies no momento da vocalização, teve o registro de 21,8% (19 espécies) e o contato auditivo, pelo qual a identificação das espécies é somente por sua vocalização, representou 3,8% (12 espécies).

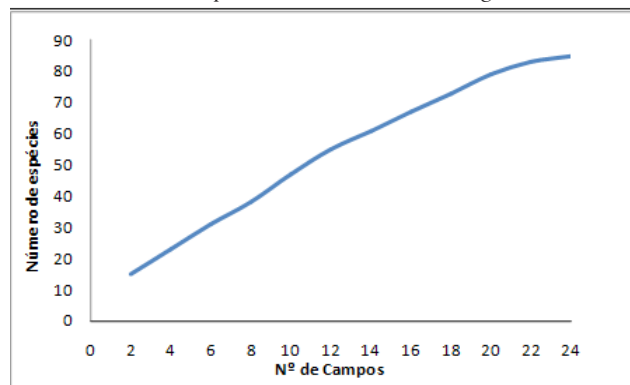
As guildas tróficas da avifauna mais frequentes foram os Insetívoros, que representaram 35,6% (31 espécies) das guildas classificadas. As demais guildas registradas no presente estudo foram: Onívoros, com 27 espécies (31%), Granívoros, com 10 espécies (11,5%); Frugívoros, com oito espécies (9,2%); Carnívoros, com cinco espécies (5,7%); Nectarívoros, com quatro espécies de aves (4,6%) e Detritívoros, com duas espécies (2,3%). As espécies pertencentes à guilda Piscívora não foram registradas, uma vez que não existem cursos d'água no local de estudo. Assim como nesse levantamento, a presença de Insetívoros e Onívoros em maior número foi observada em estudos da avifauna realizados no Oeste catarinense, como nos trabalhos de Favretto, Zago e Guzzi (2008), Favretto e Guzzi (2008) e Müller, Matiazzo e Campos (2005).

A presença dominante de espécies pertencentes à guilda dos Insetívoros pode estar relacionada com o grau de degradação do ambiente amostrado. A importância de espécies insetívoras está no controle biológico que elas exercem para manter o equilíbrio do ambiente onde frequentam. (VOLPATO et al., 2009). Já a presença de espécies onívoras era

esperada, pois as espécies pertencentes a essa guilda trófica apresentam grande facilidade de adaptação a ambientes com elevado grau de degradação, pois ali conseguem obter grande variedade de alimento (D'ANGELO NETO et al., 1998).

A curva do coletor mostrada no Gráfico 3 indica que o número total de espécies ainda não foi obtido, pois essa curva encontra-se ascendente, ou seja, é necessário que sejam realizadas mais campanhas de levantamento de aves no fragmento localizado no centro urbano de Xanxerê, para que toda a comunidade de aves que frequentam o fragmento sejam amostradas.

Gráfico 3 – *Habitats* preferenciais da avifauna registrada



Fonte: os autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fragmento, embora praticamente isolado de outras áreas com vegetação, as chamadas “ilhas de vegetação”, mostrou-se com uma boa diversidade de espécies da avifauna, considerando que ele se localiza no perímetro urbano, onde sofre bastante interferência antrópica, direta e indiretamente. Nesse fragmento, pode-se observar a ocorrência de espécies bioindicadoras de qualidade ambiental, como *Thamnophilus caeruleus*, *Schiffornis virescens* e algumas espécies de aves de rapina. A família Thraupidae, sendo a mais abundante do estudo, indica que, no fragmento localizado na área urbana de Xanxerê, existe uma excelente disponibilidade de alimentos, pois a flora desse local é bastante diversificada.

Ainda que os impactos sobre o fragmento avaliado sejam grandes, sobretudo em sua periferia, o trabalho apresenta dados satisfatórios, uma vez que indica o domínio de espécies de aves que vivem preferencialmente em matas, enfatizando a importância da manutenção e preservação dessa área localizada na zona urbana do município de Xanxerê.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **A vida das aves**: introdução à biologia e conservação. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1993.

ARGEL-DE-OLIVEIRA, M. M. Publicar ou não publicar: listas de espécies são necessárias? **Boletim Ceo**, São Paulo, v. 9, p 1-50, 1993.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. Instrução Normativa n. 3, de 27 de maio de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 maio 2003.

COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS. **Listas das aves do Brasil**. 2011.

D'ANGELO NETO, S. et al. Avifauna de quatro fisionomias florestais de pequeno tamanho (5-8 ha) no campus da UFLA. **Rev. Bras. Biol.**, v. 58, n. 3, p. 463-472, 1998.

DEVELEY, P. F. Métodos para estudos com aves. In: CULLEN JÚNIOR, L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. (Ed.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

DINIZ FILHO, E. M. **Caracterização da fauna de invertebrados do solo em área de empréstimo em recuperação na Ilha da Madeira, Itaguaí, Brasil**. 2010. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal)–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DORIGON, E. B.; LAZZARETTI, T. Ocorrência de espécies florestais ameaçadas de extinção em Área de PCH, no município de Major Gercino, Santa Catarina. **Unoesc & Ciência**, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 2010.

FAVRETTO, M. A. Avifauna. In: GUZZI, A. (Org.). **Vertebrados do Baixo Rio do Peixe**. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2008.

FAVRETTO, M. A. et al. Observações ornitológicas no oeste de Santa Catarina, Brasil – parte III. **Atualidades Ornitológicas on-line**, n. 148, mar./abr. 2009.

FAVRETTO, M. A.; GUZZI, A.; ZAGO, T. Avifauna do Parque Natural Municipal Rio do Peixe, Santa Catarina, Brasil. **Atualidades ornitológicas on-line**, n. 141. p. 87-93, jan/fev. 2008.

GARCIA, F. I.; MARINI, M. A. Conservação de aves no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, jul. 2005.

GILL, F.; DONSKER, D. **IOC World Bird List**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS. **Red List of Threatened Species**. 2010.

LAZZARETTI, T. **Levantamento da avifauna do município de Faxinal dos Guedes, Santa Catarina**. 2010. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, Xanxerê, 2010.

MENEZES, I. R. de; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. Avifauna no Campus I da UEPB em Campina Grande, PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2004.

MOTTA-JÚNIOR, J. C. Estrutura trófica e composição das avifaunas de três habitats terrestres na região central do Estado de São Paulo. **Ararajuba**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 65-71, ago. 1990.

MÜLLER, E. S.; MATIAZZO, M. F.; CAMPOS, G. Avifauna da Floresta Nacional de Chapecó (Gleba II), Distrito de Marechal Bormann, Chapecó, Santa Catarina. **Acta Ambiental Catarinense**, v. 4, n. 2, p. 43-54, jul./dez. 2005.

OLIVEIRA, F. N. S.; FREIRE, F. das C.; AQUINO, A. R. L. Bioindicadores de impacto ambiental em sistemas agrícolas orgânicos. **Embrapa Agroindústria Tropical**, Fortaleza, 2004. (Documentos, 93).

ROSÁRIO, L. A. do. **As aves em Santa Catarina**: distribuição geográfica e meio ambiente. Florianópolis: Fatma, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Xanxerê**: caracterização regional. Xanxerê, 2003.

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SIGRIST, T. **Avifauna brasileira**: descrição das espécies. Vinhedo: Avis brasilis, 2009a.

_____. **Avifauna brasileira**: pranchas e mapas. Vinhedo: Avis brasilis, 2009b.

TOLEDO, M. C. B. **Avifauna em duas reservas fragmentadas de Mata Atlântica, na Serra da Mantiqueira, SP.** 1993. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ciências)–Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1993.

VIELLIARD, J. M. E.; SILVA, W. R. Nova metodologia de levantamento quantitativo da avifauna e primeiros resultados do interior do Estado de São Paulo, Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANILHADORES DE AVES, 4., 1990, Recife. **Anais...** Recife, 1990.

VOLPATO, G. H. et al. **Aves da fazenda Monte Alegre:** um estudo da biodiversidade. Londrina: Eduel, 2009.

